

Carin Zwillling. Colaboração de Leonel Maciel Filho e Andrea Kaiser. *William Shakespeare: as canções originais de cena*. São Paulo: Annablume, 2010, 382p.

Rainer Patriota¹ e Robson Bessa²

O livro *William Shakespeare: as canções originais de cena*, de Carin Zwillling (com a colaboração de Leonel Maciel Filho e Andrea Kaiser), é resultado da pesquisa de doutorado concluída pela autora no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo sob orientação do prof. Dr. John Milton. Desde já, registre-se a importância crucial do livro, que resgata para o público brasileiro uma faceta raríssima conhecida e comentada do teatro shakespeariano, mas que nem por isso deixa de ser imprescindível a todos aqueles que buscam uma compreensão mais ampla da arte deste que é o mais admirado artista inglês de todos os tempos. Imprescindível, uma vez que no teatro de Shakespeare, como deixa bem claro o livro de Carin Zwillling, a música não se restringia a uma função meramente decorativa, mas antes operava por dentro da trama e com um impacto estético-catártico decisivo.

William Shakespeare: as canções originais de cena, desdobra-se ao longo de seis capítulos. No primeiro, intitulado “Sobre William Shakespeare: uma visão panorâmica”, a autora traça um breve painel da vida e da obra do dramaturgo, oferecendo um quadro cronológico de suas peças em que informa o gênero, as possíveis fontes literárias de que Shakespeare teria se servido, e os principais personagens de cada uma; o capítulo, cuja brevidade condiz com seu caráter preambular, termina com um interessante comentário de John Dryden – extraído de seu *Essay of Dramatic Poesy* (1668) – e uma linha do tempo situando os principais eventos da vida de Shakespeare no contexto político e literário da época.

O segundo capítulo, “O teatro inglês”, da autoria de Leonel Maciel Filho, versa sobre a construção dos teatros londrinos durante os períodos elisabetano e jacobino. Nele, ficamos sabendo que o primeiro teatro moderno fora construído em 1576 por James Burbage, um “simples” marceneiro e ator, que custeara sozinho todo o empreendimento e, com uma ousadia que é tão própria ao homem do Renascimento, veio a fundar aquele que provavelmente foi o primeiro teatro popular da Europa. Por problemas contratuais, o teatro de Burbage teve de ser demolido, mas a madeira empregada em sua construção serviria para a edificação do famoso *Globe* – o teatro para o qual Shakespeare veio a escrever grande parte de suas peças. Leonel Maciel Filho finaliza seu capítulo com uma discussão sobre a retomada do teatro clássico durante o Renascimento. Seguindo as orientações de Vitruvius em seu *De Architectura* sobre acústica e teoria da música, os arquitetos do Renascimento tiveram grande preocupação com a questão sonora. Segundo Leonel, essa mesma preocupação norteou a construção do teatro shakespeariano, pensado mais em função do ator (e do músico) que do cenógrafo.

Em “A música na época de William Shakespeare”, Carin Zwillling volta à cena e, nesse terceiro ato de sua obra, atua com excelente desenvoltura. De início, descreve a situação social dos músicos e seus diversos papéis, sobretudo o de músico de corte, abordando em seguida – com o auxílio de interessantes ilustrações de época – os

¹Graduado em música pela UFPB e doutor em filosofia pela UFMG; professor e pesquisador pelo PRODOC junto ao IFAC/UFOP.

²Graduado em música pela UFMG e doutorando em literatura pela UFMG.

instrumentos mais utilizados, como o alaúde, o virginal, as violas da gamba, as flautas, sacabuxas etc. Sua exposição culmina numa importante exposição conceitual sobre a canção moderna. Nascida da busca pelo resgate da música grega e em oposição ao “artificialismo” da polifonia renascentista, a canção se pauta na expressão de afetos embutidos no texto e elaborados pela melodia. Depois de incursionar pelas terras italianas e esclarecer o conceito de *seconda prattica*, formulado por Claudio Monteverdi, Zwilling destaca a figura de Thomas Morley – importante madrigalista do período elisabetano, autor de duas canções para o teatro de Shakespeare e de um manual de composição (que é brevemente comentado pela autora).

Com o quarto capítulo, “A música na obra de William Shakespeare”, chegamos a um momento crucial do livro de Carin Zwilling. Nele, a autora fornece uma série de dados sobre as canções nas peças de Shakespeare e nos instrui sobre as inúmeras referências musicais feitas pelo dramaturgo, não apenas as poéticas, mas também as técnicas – as indicações para a execução de música de fundo ou para a entrada em cena dos músicos. Discute – a partir das categorias apresentadas pelo renomado pesquisador em Shakespeare Frederick W. Sternfeld – as diversas funções que cabia à música desempenhar dentro da trama e no palco, a exemplo da “música mágica”, que ambientava situações idílicas ou oníricas como aquela em que as fadas ninam Titânia em *Sonho de uma Noite de Verão*. Às quatro categorias de Sternfeld, Zwilling acrescenta a categoria de “música das esferas”, observando que não só em Shakespeare, mas no teatro da época em geral, o conceito pitagórico de “harmonia das esferas” circulava como um signo cósmico a traduzir a vida e a arte. Segue-se uma descrição das formas de música vocal presentes na dramaturgia shakespeariana, como o *carol* e o *catch*, o madrigal, a balada – o gênero predileto de Shakespeare – e a *lute air*, esta última intimamente associada à obra do ilustre compositor e alaudista John Dowland. O capítulo termina com um quadro das canções utilizadas por Shakespeare, indicando não só a peça da canção, mas também o nome do compositor, o gênero musical a que pertence e sua localização específica na peça (ato e cena).

O quinto capítulo, “As canções originais de cena de William Shakespeare”, é o coração do livro de Carin Zwilling. Fruto de cinco anos de pesquisa, ele traz comentários esclarecedores sobre 32 canções de Shakespeare (apenas 33 foram encontradas de um total de 72), contendo ainda a transcrição das partituras e a tradução dessas canções – feita pela autora em colaboração com Leonel Maciel Filho e Andrea Kaiser. Trata-se de um material precioso e do maior interesse para músicos – especialmente aqueles que se dedicam ao repertório antigo –, gente de teatro e apreciadores de Shakespeare e da literatura em geral.

O livro termina com um capítulo que é, na verdade, um apêndice – “Biografia dos compositores das canções de Shakespeare”. Tem-se aqui dez verbetes extraídos do *The New Grove Dictionary of Music and Musicians* traduzidos por Leonel Maciel Filho. A despeito de seu caráter genérico, o material cumpre sua função como uma fonte de informação para estudantes de música, pesquisadores e curiosos em geral.

Não há dúvida de que o livro de Carin Zwilling é digno da maior consideração, sobretudo pelo esforço musicológico de transcrição e análise das canções. Na verdade, ao chamar a atenção para o fato de que o teatro de Shakespeare possuía canções e muita música de fundo, a autora nos convida a reformular nosso ponto de vista acerca de uma obra que tem sido apreciada sobretudo como literatura, mas que, em sua origem, é mais que isso – é teatro, ou seja, palco, com atores, cantores e instrumentistas.

Pela importância da temática e do livro em si mesmo, faz falta, no entanto, uma boa apresentação ou mesmo um prefácio que, em chave estética e musicológica, fizesse as devidas honras ao livro. Observe-se, por fim, que a autora, que também é alaudista,

nos dá um excelente exemplo de que o trabalho do músico não precisa se confinar à lida da performance, podendo – ou mesmo devendo – se prolongar e potencializar pela atividade intelectual e investigativa.